



AUSÊNCIA DE MULHERES FILÓSOFAS NAS DISCUSSÕES FILOSÓFICAS
ABSENCE OF PHILOSOPHICAL WOMEN IN PHILOSOPHICAL DISCUSSIONS
AUSENCIA DE MUJERES FILOSÓFICAS EN LAS DISCUSIONES FILOSÓFICAS

Edilson Damasceno¹

Submetido em: 25/06/2021

e26473

Aprovado em: 15/07/2021

RESUMO

Tratar os iguais com igualdade e os desiguais igualmente dentro da desigualdade deles, conforme ensina a teoria aristotélica acerca da Justiça, parece não ser a alternativa viável quando se discute igualdade de homens e mulheres na sociedade. Ainda mais quando se envolve o conhecimento e suas respectivas teorias. Em um universo controlado por homens, a Academia deixa de lado o que ensina e apenas propaga, na prática, algo que condena. Nesta pesquisa abordaremos a complexa tarefa de encontrar elementos que possam indicar caminhos sobre como abordar os motivos acerca da ausência de mulheres filósofas nas discussões filosóficas na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Seis artigos foram analisados. Destes, apenas dois estão ligados ao tema, embora de maneira que foge ao objetivo que se quis traçar à pesquisa que hora se apresenta. Em suma, questionar o problema da falta do estudo de mulheres na Filosofia mostrou-se ser mais problemático do que se pensava.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia. Mulher. Ensino. Patriarcado.

ABSTRACT

Treating equals with equality and unequals equally within their inequality, as taught by the Aristotelian theory of Justice, seems not to be the viable alternative when discussing equality between men and women in society. Even more so when knowledge and its respective theories are involved. In a universe controlled by men, the Academy puts aside what it teaches and only propagates, in practice, something that condemns. In this research, we will approach the complex task of finding elements that can indicate ways on how to approach the reasons for the absence of women philosophers in philosophical discussions at the State University of Rio Grande do Norte (UERN). Six articles were analyzed. Of these, only two are linked to the theme, although in a way that goes beyond the objective that was intended to be traced to the current research. In short, questioning the problem of the lack of women's studies in Philosophy proved to be more problematic than previously thought.

KEYWORDS: Philosophy. Women. Teaching. Patriarchy.

RESUMEN

Tratar a los iguales con igualdad y a los desiguales por igual dentro de su desigualdad, como lo enseña la teoría aristotélica de la justicia, no parece ser la alternativa viable cuando se habla de igualdad entre hombres y mujeres en la sociedad. Más aún cuando se trata del conocimiento y sus respectivas teorías. En un universo controlado por hombres, la Academia deja de lado lo que enseña y solo propaga, en la práctica, algo que condena. En esta investigación abordaremos la compleja tarea de encontrar elementos que puedan indicar formas de abordar las razones de la ausencia de mujeres filósofas en las discusiones filosóficas en la Universidad Estatal de Rio Grande do Norte (UERN). Se analizaron seis artículos. De estos, solo dos están vinculados a la temática, aunque de una forma que va más allá del objetivo que se pretendía remontar a la investigación actual. En

¹ Mestrando em Ensino em programa que reúne a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

AUSÊNCIA DE MULHERES FILÓSOFAS NAS DISCUSSÕES FILOSÓFICAS
Edilson Damasceno

resumen, cuestionar el problema de la falta de estudios sobre mujeres en Filosofía resultó ser más problemático de lo que se pensaba.

PALABRAS CLAVE: *Filosofía. Mujeres. Enseñando. Patriarcado.*

1 INTRODUÇÃO

Encontrar ligação envolvendo a mulher, Filosofia, conhecimento e sociedade mostrou-se ser complicado. A começar pelo fato da ausência de produção acadêmica neste sentido. E quando se encontra algo, este se externa apenas com pouco fundamento no objeto da pesquisa em si. Para o presente Estado do Conhecimento buscou-se fundamentos no Catálogo do Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e também do Banco de Periódicos da mesma instituição. A pesquisa no endereço virtual da Capes foi feita em três dias, a contar de 3 de junho de 2019 ao dia 6 mesmo mês e ano.

O objeto da pesquisa que se apresenta agora se volta para a constatação acerca da exclusão feminina no ensino da Filosofia. Pesquisou-se na Capes a expressão “Mulheres AND Filósofas” e não se encontrou nenhuma dissertação que pudesse apresentar o caminho a ser trabalhado, em termos de produção acadêmica com base em outras produções.

De certo é que foram encontrados cinco artigos/resenhas no Catálogo de Periódicos da Capes e apenas um, em pesquisa aberta no Google, sendo que este aborda, indiretamente, o objeto do presente trabalho, mas tem foco na questão do corpo da mulher, envolvendo a Filosofia.

A saber, segue a lista dos artigos encontrados no Catálogo de Periódicos da Capes. A análise dos artigos encontrados representou questionamento interessante, que é o problema do problema. Abaixo os trabalhos pesquisados:

- “Feminismos transnacionais: saberes e estéticas pós/descoloniais – Simone Pereira Schmidt e Ana Gabriela Macedo
- “Não soltaremos as mãos” – Cristina Scheibe Wolf, Mara Coelho de Souza Lago, Luzinete Simões Minella e Tânia Regina de Oliveira Ramos
- “O eco dos fantasmas: perpetuação da misoginia em cânone” – de Thalita da Silva Coelho
- “Ciência Sucessora e a (s) Epistemologia (s): saberes localizados – Juliana Góes
- “Entre práticas e críticas: Michel Foucault, os feminismos e o sujeito – Eloisa Rosalen
- “Novo olhar sobre a Matemática- João Batista Nascimento
- “O corpo e a mulher na história da filosofia: uma leitura a partir de Merleau-Ponty centrada na atual discussão sobre a corporeidade” - Liria Ângela Andrioli

Diante do que se apresentou nos artigos e com base na pretensão em termos de pesquisa, surge uma questão: será que o lugar da mulher é onde ela quiser? Desde cedo o ser feminino é direcionado para o segundo plano social, em uma clara assertiva de que não se podem abrir espaços para alguém que, desde a criação do homem por Deus, em alusão a Adão e Eva, está



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

AUSÊNCIA DE MULHERES FILÓSOFAS NAS DISCUSSÕES FILOSÓFICAS
Edilson Damasceno

sempre atrás do homem, dependente e que, por isso, não mereceria o devido destaque por ser, baseando-se no que diz Simone de Beauvoir, o Segundo Sexo (2003).

A ligação que se apresenta nesta pesquisa se dá em sintonia com a Antropologia, que mostra haver discrepância no tratamento direcionado ao homem e à mulher ao longo do tempo. Embora os dois sejam importantes para a sociedade e o papel feminino seja envolto em particularidades que o coloquem em devido destaque, este raramente é enaltecido pela própria sociedade que depende da mulher para existir.

Quando se afirma que a presente pesquisa tem consideráveis contornos antropológicos é justamente por causa da importância anatômica e biológica que o corpo feminino apresenta para toda e qualquer sociedade: a mulher é o receptáculo da vida, do conhecimento e sabedoria. Pois somente um ser altamente inteligente, eficaz e completo seria capaz de gerar outro ser. De modo que, diante da função que se apresentou como sendo uma própria atividade feminina, ela foi escanteada, entende-se, pelo fato de se configurar como ameaça à hegemonia do poder masculino na vida social.

Dito isto, e tomando como parâmetro o ensino da Filosofia, surge um problema: como a mulher, que é essencial para a compreensão do conhecimento em si, é deixada de lado na academia? A resposta que se apresenta não é tão clara. E isso a partir, por exemplo, de teóricos tidos como essenciais à compreensão filosófica da Grécia Antiga, como Sócrates. Um dos métodos tidos como mais importantes para a Filosofia, e outras áreas da vida prática, como o Direito, é a maiêutica, que é caracterizada como perguntas a serem apresentadas como respostas. Sócrates chamou tal método de “o parir do conhecimento”, em homenagem à mãe, que era parteira. Daí já se teria um nível de razoabilidade a ser reconhecida e legitimada pela sociedade: a mulher, por ser responsável pela vida que permeia o mundo, deveria estar em patamar, ao menos, de igualdade em relação ao homem. Pois tudo vem dela. Tudo o que existe, em termos de materialidade humana, existe por causa das atribuições femininas. E por quais razões seria diferente com o conhecimento?

É fato que o homem quer ser superior em tudo. E, nesse campo, surge a Antropologia para apresentar uma suposta resposta para a tentativa masculina de suprimir a importância feminina na sociedade. No livro “O que faz o Brasil, Brasil?” (1986) o antropólogo brasileiro Roberto Damatta descreve o cenário em que esta discrepância surge. No capítulo “Sobre comidas e mulheres” o autor deixa claro que existe o olhar discriminatório sobre quem não tem pênis, conforme acentua Judith Butler na sua obra “Problemas de Gênero – Feminismo e Subversão da Identidade” (2018).

Para Damatta, existe diferença considerável entre o cru e o cozido, e que tais particularidades envolvem a relação sexual em si. O cru se volta para algo mais intempestivo, imediato e próprio do agir do homem. Já o cozido seria mais trabalhado, delicado e puro. Bem adequado, diz o autor em outras palavras, ao universo feminino. Por outro lado, o olhar antropológico que se apresenta no livro destoava do que o autor evidencia ao distinguir o cru do cozido. Pela análise evidenciada na obra, Damatta diz que o homem é tido como superior por uma questão anatômica. Ou seja: o pênis o faz ser superior. Tanto que existe o linguajar de que, quando o homem sai na noite e diz que “pegou” quatro ou cinco mulheres, ele diz que “comeu” tais mulheres.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

AUSÊNCIA DE MULHERES FILÓSOFAS NAS DISCUSSÕES FILOSÓFICAS
Edilson Damasceno

Contudo, pela anatomia do corpo feminino, que possui vagina, esta pressupõe pequenos grandes lábios. Lábios remetem à boca. E boca a comida. Em suma, quem come é quem engole. De maneira que, pelo viés antropológico, o homem seria mero petisco a ser devorado pelas mulheres. E, diante disso vem a pergunta: como é que o homem quer ser superior à mulher se ele não passa de um petisco?

Guacira Lopes Louro, antropóloga brasileira, diz claramente que a questão de gênero que pauta a discussão envolvendo homem e mulher é um problema a ser resolvido. A partir, segundo ela, do momento em que não se tem nenhuma definição do que seja gênero nos dicionários (2003, p. 14). Como, então, pode-se dizer que “A” seria superior a “B” se não tem nenhum parâmetro que possa auferir esse grau de superioridade? À análise deste trabalho, a percepção que se evidencia na sociedade segue apenas o movimento que vem do senso comum, onde o homem seria, pelo aspecto que remete à força, mais que a mulher,

Unindo a Filosofia à problemática exposta pela Antropologia, a questão que se apresenta é contrária ao que se viu acima. As mulheres são deixadas em segundo plano, como se não fossem tão competentes quanto os homens no que diz respeito à formulação de teorias que possam garantir alguma discussão na sociedade.

2 O PROBLEMA QUE VEM DO PROBLEMA

Para a elaboração da presente apresentação científica, pensou-se em discutir sobre qual seria o papel da mulher na filosofia. Para tanto, foi preciso conversar, inicialmente, com alunos do 7º período do curso de Filosofia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), no Campus de Mossoró. As informações passadas pelos discentes corroboraram o que já se havia sido explicitado nesta pesquisa: as mulheres são deixadas de lado em um curso que deveria primar pela complexidade do pensamento humano. De modo que, a exemplo do que passamos na UERN, as filósofas raramente são estudadas. E quando estas são explicitadas, estão sempre atreladas à figura masculina. A saber Simone de Beauvoir a Jean Paul Sartre, e Hanna Arendt a Martin Heidegger.

Para saber se há a probabilidade de mudança no cenário relacionado ao ensino de Filosofia na UERN, que trabalha com o curso de licenciatura e que projeta o surgimento de novos professores, constatou-se que a ideia da ausência de mulheres filósofas nas discussões filosóficas tende a permanecer. De sorte é que uma disciplina optativa está fazendo a diferença. Ministrada pelo professor doutor Guilherme Paiva, a disciplina Análise de Textos Filosóficos está quebrando paradigma na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e mostrando que é possível ultrapassar barreiras da androgenia e evidenciar pensamentos que, definitivamente, foram construídos por mulheres e que merecem, assim como os homens, serem analisadas e pesquisadas nos cursos de graduação.

Assim como ocorre na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, a produção acadêmica pelo Brasil não contempla o cenário objetivo desta pesquisa, que procura estudar a



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

AUSÊNCIA DE MULHERES FILÓSOFAS NAS DISCUSSÕES FILOSÓFICAS
Edilson Damasceno

ausência da mulher no campo filosófico. Este o que o presente estudo requer. E a falta de produção neste sentido se configura em problema. E temos aqui um problema do problema. Para a resposta de ambos, a alternativa mais viável foi buscar alternativa em outras áreas do conhecimento. Nas pesquisas feitas no banco de dissertação de mestrado da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), tendo como base as palavras-chaves “Mulheres AND Filósofas”.

Contudo, o problema se avolumou ainda mais: não tem nada que remeta à falta de discussão envolvendo mulheres no ensino de filosofia na CAPES. E veio mais uma questão: como apresentar um estudo do conhecimento sem o devido respaldo acerca daquilo que se quer evidenciar? E foi preciso mudar o foco da pesquisa em si para que se pudesse continuar com a mesma temática. Afinal, a ausência de material sobre o tema reforça a ideia principal do presente trabalho: não se tem interesse em aprofundar o problema na área da filosofia, apesar das mulheres serem elementos chaves de toda a produção filosófica. Isso com base no aspecto biológico já exposto neste trabalho: a mulher é quem gera a vida.

Como não se tem informações sobre o assunto na CAPES, em dissertações de mestrados, o caminho foi buscar os periódicos. E lá se encontrou o caminho que se precisava para se trabalhar a ideia de que a mulher tem sido alvo de negação ao longo da história e que tal fato se percebe claramente na Filosofia.

Seis artigos foram estudados para a elaboração do presente trabalho. Destes, apenas um se direciona ao objetivo central desta pesquisa. E este não foi encontrado no banco de periódicos da CAPES. Foi preciso fazer pesquisa no Google e o artigo que surgiu com disponibilidade de análise estava registrado no site www.monografias.com, escrito por Líria Ângela Andrioli, cujo tema é “O corpo e a mulher na história da filosofia: uma leitura a partir de Merleau-Ponty centrada na atual discussão sobre a corporeidade.”

De modo que já se terá um parâmetro para apresentar e chega-se à certeza inicial de que, a exemplo do que ocorre em outras áreas do conhecimento e da vida prática em sociedade, a mulher sempre tem sido deixada de lado e em último plano no viver em comunidade. Seja na Filosofia, Matemática ou qualquer outra área do conhecimento.

O primeiro artigo analisado tem como título “Feminismos transnacionais: saberes e estéticas pós/descoloniais”, escrito por Simone Pereira Schmidt e Ana Gabriela Macedo, publicado na Revista Estudos Feministas em 2019. Segundo as autoras, as mulheres estão se reinventando para mostrar a sociedade que elas existem. E brigam ferozmente, no sentido de evidenciar a possibilidade de uma sociedade relativista ou multicultural, em vez de etnocêntrica:

Podemos afirmar que a grande contribuição feminista ao pensamento contemporâneo tem sido, por um lado, a desconstrução dos paradigmas etnocêntricos do sistema moderno-colonial patriarcal (Maria LUGONES, 2008, p. 16) em que fomos formados, e, por outro lado, a proposição de sistemas outros de saber-poder que escortinam possibilidades de novos agenciamentos políticos e de construção de epistemologias heterodoxas e não hegemônicas. (2019, p. 1).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

AUSÊNCIA DE MULHERES FILÓSOFAS NAS DISCUSSÕES FILOSÓFICAS
Edilson Damasceno

A desconstrução de algo, ao nosso ver, só pode ser possível quando o objeto a ser desfeito/feito estiver disposto a encarar a desconstrução para uma nova construção. Assim dito, percebe-se que existe abertura para tal particularidade. Embora seja difícil o caminho a ser percorrido.

Ou seja: desconstruir uma sociedade marcada pela androginia e onde a questão de gênero se evidencia não é tarefa fácil. Por outro lado, o artigo em questão não aprofunda o que foi explicitado pelas autoras e apenas cita mulheres¹ que produziram artigos na seara do feminismo em si, não destacando, amiúde, quais áreas do conhecimento podem ser afetadas por esta realidade.

O segundo artigo analisado tem como título “Não soltaremos as mãos”, escrito por Cristina Scheibe Wolf, Mara Coelho de Souza Lago, Luzinete Simões Minella e Tânia Regina de Oliveira Ramos.

O material também foi publicado em 2019 na Revista Estudos Feministas. Em seis laudas, as autoras apresentam um apanhado geral sobre a questão de gênero, desigualdades e preconceito.

O problema que permeia a publicação, contudo, difere do que pressupõe algo mais específico, que se volta para o aspecto da mulher em si e as implicações relacionadas ao ensino da Filosofia. Não se tem menção sobre esta particularidade

Levando em conta esses pressupostos, a Revista Estudos Feministas pretende continuar comprometida com a análise das sociedades – brasileira, latino-americana, internacional – a partir do debate sobre as relações de gênero, diversidade sexual, teorias e movimentos feministas, com vistas a “promover o bem de todas as pessoas” e a desconstruir desigualdades, preconceitos e outras formas de discriminação, contribuindo assim para promover um debate acadêmico de alto nível sobre estas questões, divulgando textos originais baseados em sólidas pesquisas, avaliados por especialistas e revisados por um conselho editorial interdisciplinar, internacional, com expressiva competência nas temáticas da Revista. (2019, p.1)

Neste artigo em específico, o título não diz jus ao material interno. É que a leitura sequencial da publicação expõe mais uma espécie de discussão editorial acerca dos artigos que a compõe. Em uma clara fuga dos reais objetivos do material. E tal constatação apenas corrobora o que já se disse sobre o tema principal desta presente pesquisa: a ausência de produção acadêmica é o principal obstáculo.

De certo é que a Revista Estudos Feministas, neste número que engloba o artigo ou resenhas que remetem à problemática enfrentada pelas mulheres ao longo da história. Em determinado trecho do artigo ora analisado as autoras citam a filósofa brasileira Djamila Ribeiro. Mas a fala contempla o aspecto religioso que envolve o bruxismo em si:

As resenhas deste número refletem a diversidade do campo dos estudos de gênero, tanto na sua internacionalização quanto com relação aos interesses e áreas abordadas. As obras resenhadas incluem o polêmico livro da filósofa Djamila Ribeiro sobre o lugar de fala, e o já clássico, mas recentemente editado no Brasil, Calibã e a Bruxa, de Silvia Federicci, além de discussões sobre a heteronormatividade, a literatura moderna, lideranças políticas femininas e feminismos populares. As

¹Caroline Betemps, Catarina Isabel Martins, Joana Filipa Passos, Larissa Lisboa Souza, Leila Harris, Lízia Carvalho e Nidia Bustillos, Márcia de Almeida, Márcia Oliveira, Priscilla Figueiredo e Ana Gabriela Macedo.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

AUSÊNCIA DE MULHERES FILÓSOFAS NAS DISCUSSÕES FILOSÓFICAS
Edilson Damasceno

resenhas da REF são bons guias de leitura, e chamam a atenção para a riqueza da produção recente do feminismo (2019, p. 3).

O terceiro artigo/resenha, também publicado na Revista Estudos Feministas em 2019, tem como título “O eco dos fantasmas: perpetuação da misoginia em cânone”, de Thalita da Silva Coelho. Apresenta, logo no início, o perfil do homem e da mulher, baseando-se na mitologia grega, cuja vertente acaba sendo direcionada para a criação de Adão e Eva, tomando como base o Cristianismo. Coelho destaca que Pandora, a primeira mulher, fruto da criação de Zeus, seria a figura contrária ao homem (2019):

Pandora, a primeira mulher, criada por Zeus com o objetivo de trazer ao mundo o equilíbrio entre bem e mal, é a figura contrária ao homem: por trás da aparência bela e virginal, reside o mal que é capaz de descumprir uma ordem divina de jamais abrir a caixa que continha as desgraças do mundo – caixa esta que pode facilmente ser entendida como uma metáfora para o órgão sexual feminino. A ideia de que as mulheres se aproveitam de sua beleza e sensualidade para seduzir e manipular homens e de que são astuciosas e inteligentes – mas sempre para atividades nefastas – mesmo que consideradas inferiores ao seu oposto, aparece nos textos de Hesíodo, será herdada pela tradição judaico-cristã e, conseqüentemente, repetida no mundo com a força de uma verdade absoluta, principalmente por conta do domínio da Igreja Católica sob o ocidente. (p. 1).

Neste artigo/resenha, o que surge é uma figura que pode ser aplicada, indiretamente, ao fato de que a mulher não poderia ter a mesma importância que o homem na sociedade por uma mera questão que viria da religião. No caso em questão, a mulher não teria nada de frágil e representaria um perigo à vida social. Obviamente que o texto em si é apenas ilustrativo, embora evidencie a crítica que pode ser direcionada ao escanteamento feminino ao longo de séculos e que se faz presente em todas as esferas sociais. A partir do que se pensa sobre cidadania, por exemplo.

Em outras palavras, a autora remete à problemática que vigente na Grécia Antiga, onde a mulher não era livre e tampouco poderia ser vista como cidadã. E este cenário acabou sendo direcionado para o meio religioso, que se apropriou de teorias anteriores para continuar com práticas machistas e opressoras contra as mulheres. A autora analisa a obra de Luísa Marinho Antunes, que escreveu “As malícias das mulheres: discurso sobre poderes e artes de mulheres na cultura portuguesa e europeia” (2014).

O artigo de/resenha de Thalita da Silva Coelho o que se destaca é o viés religioso e suas complicações envolvendo o homem e mulher enquanto criação de Deus.

Qualquer mulher só pode se identificar com o Deus-Pai hebraico através da negação de sua própria identidade. Ser mulher passou a significar estar mais propensa ao mal, mais suscetível às ciladas do demônio. É neste contexto de sociedade patriarcal que se insere, portanto, a narrativa judaica da criação da mulher depois do homem e a partir dele (da costela), e o mito judaico do pecado original, no qual a mulher se torna responsável pelo pecado e sofrimento da humanidade. (2019, p. 2).

Como se percebe, a produção ora destacada não contempla a discussão inicial da presente pesquisa. E, mais uma vez, repete a ausência de ligação envolvendo a mulher e o conhecimento filosófico, em uma clara afirmação de que a figura feminina não tem vez nem voz quando o assunto gira em torno do empoderamento feminino.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

AUSÊNCIA DE MULHERES FILÓSOFAS NAS DISCUSSÕES FILOSÓFICAS
Edilson Damasceno

Mais uma produção científica veiculada na Revista Estudos Feministas surge na tentativa de se encontrar elementos que possam nortear o objetivo do presente trabalho. Sob o título “Ciência Sucessora e a (s) epistemologia (s): saberes localizados” (2019), de Juliana Góes. O título deixa entender que poderia haver algo que remetesse ao avanço, em termos de conquistas femininas. Contudo, o seu teor é uma crítica à sociedade com relação à dominação social, enquanto legitimação da própria sociedade, seguir um modelo que difere do que se pensa sobre a participação de homens e mulheres em um ambiente coletivo. Isso em termos de século XXI.

Por causa disto, para além de pensar no progresso da ciência, precisamos progredir dentro da ciência. O atual modelo epistêmico hegemônico no ocidente é temporalmente, espacialmente e socialmente localizado, ou seja, ele foi construído em uma determinada época, refletindo o contexto social-histórico da mesma e do grupo que o produziu (Sondra FARGANIS, 1997). Este grupo consistia, majoritariamente, de homens brancos, ocidentais e burgueses, que se beneficiavam da estrutura de dominação colonial, racista, patriarcal e capitalista que se desenvolvia no século XVIII (CODE, 1993; FARGANIS, 1997). Isto significa que ele não é uma “lei natural” ou algo imutável. Da mesma forma como se produziram críticas às concepções anteriores ao seu surgimento, agora se produzem críticas que reivindicam uma ruptura da qual nasce um modelo epistêmico mais apropriado às necessidades do contexto social atual. E, olhando para as críticas feministas à ciência, espera-se que o novo modelo epistêmico reflita, ao invés dos interesses dos grupos dominantes, as perspectivas dos grupos dominados (HARDING, 1993; Diana GONZÁLEZ e Nelson RENGIFO, 2009; Breny MENDOZA, 2014) (2019, p.2)

A percepção sobre o trabalho de Juliana Góes é que a autora apontou um caminho, o qual deve ser seguido à busca de respostas para a presente pesquisa. Embora Góes tenha como foco outras vertentes que envolvem o saber feminino, como se percebe em parte da conclusão do seu artigo:

Todavia, a compreensão de que a epistemologia é um saber localizado impede o modelo proposto de se considerar universal ou eterno. Ele atenderia apenas algumas necessidades dos grupos subalternos (principalmente ocidentais) dos tempos atuais. Assim, à medida que os debates se aprofundarem e as necessidades mudarem, o modelo proposto se modificaria. De imediato, aponto a importância do modelo de incorporar mais perspectivas do Sul Global, pois o pouco reconhecimento das epistemologias do Sul e do mundo não-ocidental tornam o pensar em um modelo de ciência sucessora limitado às contribuições do Norte Global. Sem este reconhecimento, o privilégio epistêmico pode se tornar apenas um instrumento para incorporar poucos elementos dos grupos subalternos como forma de legitimar discursos. Por exemplo, há autores que não dialogam com mulheres negras, mas utilizam alguns poucos elementos do feminismo negro para legitimarem seus discursos como decoloniais (Ochy CURIEL, 2007). (2019, p.9).

No quinto artigo, denominado “Entre práticas e críticas: Michel Foucault, os feminismos e o sujeito”, escrito por Eloísa Rosalen, já se tem algum parâmetro envolvendo a pesquisa em si com a análise para substanciar o Estado do Conhecimento que antecede o presente trabalho.

A autora tem como base o livro “Feminismo e Subjetividade”, de Foucault. E, assim, sendo, já abre sintonia com o que se propõe nesta pesquisa. Além disso, Rosalen apresenta ligação com teorias de Judith Butler, que será uma das teóricas que fundamentarão o presente trabalho. É que



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

AUSÊNCIA DE MULHERES FILÓSOFAS NAS DISCUSSÕES FILOSÓFICAS
Edilson Damasceno

Butler abre a discussão acerca de um modelo de sociedade diferente do que, aos olhos do senso comum, se apresenta. E ela chamará esta de sociedade falocêntrica (2018).

O livro Foucault, Feminismo e Subjetividade é um material indispensável para entender as diferentes relações (apropriações, críticas e debates) entre os movimentos feministas/teóricas feministas norte-americanas e as pesquisas realizadas por Michel Foucault. Assim, tal material se constitui como uma importante fonte teórica para os nossos estudos. A interlocução da obra é com as diferentes posições feministas, como Judith Butler, Susan Bordo, Nancy Hartsock, Nancy Fraser, entre outras feministas norte-americanas que a autora nos apresentava como sugestões de leituras. Nesse sentido, a leitura e análise da autora limitam-se, em sua grande maioria, ao exame de feministas do Norte Global, o que deixa em aberto várias perguntas: como as feministas do Sul Global (incluindo o Brasil) estão se apropriando de Michel Foucault? As perspectivas e críticas feministas centradas na Europa e nos Estados Unidos possuem a mesma dimensão para o restante do mundo ou são válidas para as nossas realidades? De certa maneira, esses questionamentos indicam ausência de um maior diálogo com os feminismos des/pós-coloniais e causam certo desconforto sobre a utilidade do debate teórico/prático provenientes de Michel Foucault e das feministas norte-americanas (propostos no livro) com relação às atuais demandas dos feminismos latino-americanos. (ROSALEN, 2019, p. 3)

A questão é que não existe limite, diferente do que disse Rosalen em seu artigo, na questão do falocentrismo – ou sociedade machista, onde o homem é quem dita as regras e onde ele pensa mandar. O problema é bem mais amplo. E tudo remeteria, a priori, às particularidades do corpo feminino que, contrapondo-se ao masculino, não seria capacitado para estar no comando de alguma ação.

É algo, por exemplo, que vai estar presente em material escrito por João Batista Nascimento, que tem como título “Novo olhar sobre a Matemática”, escrito em 2012. Na verdade, trata-se de uma coletânea de informações que totaliza 99 laudas. O material foi encontrado em pesquisa aberta feita no Google.

O que o autor apresenta é clássico: a mulher busca seu devido espaço na sociedade nem que, para isso, precise se vestir de homem para ser aceita. E mesmo assim, desde que não se descubra sua identidade. Por sinal, o problema que remete à identidade enquanto gênero é algo que será aprofundado na presente pesquisa. Apresenta-se agora a figura de Gabrielle Émillie Tonnelier de Breteuil, que ficou conhecida historicamente como Marquesa Du Châtelet.

Nascimento afirma que a Marquesa Du Châtelet rompeu com tradições seculares e se apresentou como o novo, que surge para evidenciar que a sociedade deve se reinventar sistematicamente para não ficar presa em algum lugar do passado.

Imagine em pleno séc. XVIII uma jovem em trajes masculino batendo na porta de café parisiense onde matemáticos se encontravam, não que ela quisesse enganar ninguém, mas como protesto por haver tentado entrar antes para debater com alguns desses e tinha sido impedida. (NASCIMENTO, 2012, p. 14)

Nascimento afirma que a Marquesa Du Châtelet rompeu com tradições seculares e se apresentou como o novo, que surge para evidenciar que a sociedade deve se reinventar sistematicamente para não ficar presa em algum lugar do passado. Como se para ser vista a mulher



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

AUSÊNCIA DE MULHERES FILÓSOFAS NAS DISCUSSÕES FILOSÓFICAS
Edilson Damasceno

necessitasse estar envolta em roupas masculinas. Em uma percepção de que o corpo fala. Não a linguagem do sexo ou da sexualidade. Mas uma fala que não se ouve ou que é sufocada pela sociedade ao longo do tempo.

Assim sendo, o sexto artigo em análise versa justamente sobre a corporeidade feminina, sob o título “O corpo e a mulher na história da Filosofia: uma leitura a partir de Merleau-Ponty centrada na atual discussão sobre a corporeidade”, encontrado em pesquisa aberta realizada no Google e inserida na base do site www.monografias.com. No resumo, a autora Líria Ângela Andrioli evidencia o sentido da nossa pesquisa:

O reconhecimento social das mulheres como “seres pensantes” foi e continua sendo um desafio para o equilíbrio nas relações de gênero. Nos currículos escolares e universitários podemos perceber que pouco consta sobre as mulheres que se destacaram enquanto filósofas. Na maioria das vezes, falta uma referência acerca do conhecimento da vida e obras de pensadoras. Pode-se constatar uma reduzida valorização das mulheres na vida acadêmica e sua participação na história da construção do conhecimento. Simone de Beauvoir pronuncia-se sobre isso dizendo que “toda a história das mulheres foi feita por homens.”

Mas a autora complementa o resumo e fala da corporeidade. Algo que foge totalmente ao que queremos enfatizar. Contudo, interessa-nos o tópico 1 do artigo, que tem como título “A presença da mulher na história da Filosofia”. Aqui a autora enfatiza o nosso objeto em si:

No entanto, apesar da discriminação das mulheres no campo filosófico, é possível perceber que, ao longo da história da filosofia, várias mulheres se destacaram como seres humanos que buscaram saber e conhecimento. No século XX há um destaque especial a algumas filósofas importantes. Dentre elas, encontram-se Hannah Arendt, Simone Weil, Edith Stein, Mari Zambrano, Simone de Beauvoir e Rosa Luxemburgo. Estas mulheres, contrariando a ordem patriarcal de seu tempo, foram filósofas importantes e, sem dúvida, contribuíram decisivamente para a construção do conhecimento. (ANDRIOLI, p. 1).

Diante desse quadro, por quais motivos as mulheres filósofas não ocupam seu devido espaço na Academia? E a resposta já foi dada: elas, as filósofas, contrariam o que manda o patriarcado. De modo que, ao se manifestarem contra as regras, não encontram o devido respaldo para serem inseridas no contexto relacionado ao conhecimento universitário.

3 CONCLUSÃO

O trabalhar acadêmico, direcionado para a mulher, tomando como base o direcionamento exposto ao longo deste Estado do Conhecimento, mostrou-se ser complicado para as filósofas. E pesquisar o mundo feminino, enquanto espaço para conquistas em termos do conhecimento que é apresentado pela mulher, é tão complicado quanto à aceitação destas em um universo comandado por homens.

O que se quer dizer se volta para a importância do tema ora em destaque. E a presente pesquisa se enquadraria no mesmo naipe. A começar pelo ineditismo que se tem sobre o assunto. Ou será que a academia vai continuar fugindo das suas responsabilidades?



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

AUSÊNCIA DE MULHERES FILÓSOFAS NAS DISCUSSÕES FILOSÓFICAS
Edilson Damasceno

A inserção do ensino de teóricas da Filosofia, a exemplo de outras áreas do conhecimento, só se efetivará quando houver mudança de paradigma relacionado ao gênero e sexo. É que até mesmo na academia existe discrepância de pensamentos sobre algo que não deveria existir. É que não faz sentido algum se diferenciar homens e mulheres tomando como base a particularidade anatômica que envolve a genitália.

É como se o conhecimento e a sabedoria estivessem ligados ao aparelho reprodutivo humano e não ao cérebro. Como se a capacidade de produção e do saber fossem apenas a sexualidade em si.

Como, até agora, não se ousou pesquisar por quais motivos existe essa diferença na Academia, em especial na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, local escolhido para ser avaliado com vistas à presente pesquisa, entende-se que existe a problemática de ser a primeira análise. E, como tal, existe a dificuldade própria de se encontrar subsídios que possam acrescentar, em termos de afirmação ou não do que se apresenta neste presente trabalho acerca das particularidades que envolvem a ocupação de espaço acadêmico por mulheres.

No caso da UERN, somente agora é que se discute a importância da mulher na Filosofia. E mesmo assim em uma disciplina optativa, deixando clara a afirmação de que não há interesse em aprofundar a problemática. No Departamento de Filosofia do Campus Central são onze professores, dos quais apenas duas mulheres. Em sala de aula do 7º período, 16 alunos. Destes, só quatro mulheres.

E o que isso representa? A clara intenção da continuidade de prática que vem do patriarcado: as mulheres filósofas tendem a continuar sendo esquecidas ou ignoradas por quem deveria primar pela prática que leva ao conhecimento de que existe algo a se reconhecer, conhecer e legitimar. Sim, pois sem a aquiescência da Academia, teorias vão ser simplesmente esquecidas, já que não são trabalhadas em sala de aula. Como se parte da história da Filosofia sequer tivesse existido ou se a existência de mulheres fosse apenas para dar vazão ao que veio da Grécia Antiga: só serviriam para a procriação.

A questão da identidade, apresentada por Judith Butler, deixa de ser um problema? Ou realmente é preciso que haja a identidade para, depois, se fazer a diferença entre homens e mulheres na sociedade? Será mesmo preciso que se distinga um e outro, sabendo que ambos são importantes para a vida social? Enfim, são perguntas que merecem ser respondidas e as quais terão o seu devido retorno com a profundidade da presente pesquisa.

4 REFERÊNCIAS

ANDRIOLI, Liria Ângela. **O corpo e a mulher na história da filosofia**: uma leitura a partir de Merleau-Ponty centrada na atual discussão sobre a corporeidade. 2005. TCC (Monografia) - Universidade Regional do Noroeste do Estado do RS, UNIJUÍ, 2005. Disponível em: www.monografias.com. Acesso em: 6 jun. 2019.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

AUSÊNCIA DE MULHERES FILÓSOFAS NAS DISCUSSÕES FILOSÓFICAS
Edilson Damasceno

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero – Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CANDAU, Vera Maria; MOREIRA, Antonio Flávio. **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

COELHO, Thalita da Silva. O eco dos fantasmas: perpetuação da misoginia em cânone. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 2019.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2001.

GÓES, Juliana. Ciência Sucessora e a(s) Epistemologia(s): saberes localizados. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação – Uma Perspectiva Pós-estruturalista**. 6. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1997

NASCIMENTO, João Batista. **Novo olhar sobre a Matemática**. Belém: UFPA, 2011.

ROSALEN, Eloisa. **Entre práticas e críticas: Michel Foucault, os feminismos e o sujeito**. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 2019.

SHMIDT, Simone Pereira; MAMEDO, Ana Gabriela. “Feminismos transnacionais: saberes e estéticas pós/descoloniais”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 2019.

WOLF, Cristina Scheibe; LAGO, Mara Coelho de Souza; MINELLA, Luzinete Simões, RAMOS, Tânia Regina de Oliveira. Não soltaremos as mãos. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 2019.